

GABRIEL PADOVANI NOGUEIRA

A janela

Uma nota breve

Este conto foi escrito no final de maio de 2020, quando as portas do mundo estavam fechadas e já se percebia que a pandemia da covid-19 levaria mais tempo do que se pensara no início. Serviu-me como exercício para um concurso literário e para explorar uma nova ideia que tive para o meu projeto de conclusão do Mestrado em Estudos Editoriais; também como escape às muitas incertezas e ansiedades que marcaram aquele momento, tanto num âmbito geral como particular.

Ao revisitar o conto mais tarde, tenho a impressão de que o caráter ambíguo do texto é reflexo de muitas dessas questões. Embora em grande parte continuem em aberto, é certo que passaram por evoluções as quais, não sendo a cura para todos os males, trazem um pouco de alento para mostrar que tudo é passível de mudança – ainda que a passos lentos, ainda que por caminhos diferentes daqueles que esperamos. Quando as portas se fecham, é sempre possível abrir uma fresta de janela por onde passe um fio de esperança, o qual nos mova à ação ou à transformação.

Espero, humildemente, que a leitura deste conto mova o leitor a alguma delas, por pouco que seja. Agradeço aos amigos Bruno Fonseca, Paula Kellermann, Natália Domene e Joana Alegria, que muito me apoiaram na produção desse texto; e à Prof.^a Dr.^a Cristina Carrington, que me aponta janelas.

A janela

Ele nunca havia olhado aquela janela. Obviamente que a via, todos os dias, sobretudo nos últimos trinta. Fosse um livro, a janela seria agora a personagem secundária que costura a trama e revela que as histórias verdadeiramente importantes são as que habitam as entrelinhas. Quase todas as janelas do mundo haviam sido impelidas para papel semelhante nos últimos tempos, onipresença descuidada pelo temor da pandemia e suas imposições: fechar as portas e esperar. Mas toda espera que valha não se faz à porta, e sim à janela, pensava ele, e aquela janela já estivera fadada a tantas outras esperas, que tudo nela parecia forjada a essa sina.

A janela de guilhotina, com venezianas rangentes de madeira, dava para um passeio alargado, usado pelo café vizinho como esplanada. À frente dela, o passeio tinha uma vista livre e desafogada, de maneira que, sentado na poltrona de sua pequena sala, o rapaz podia observar a rua como se fosse um fotograma da pacata vida daquele bairro residencial – exceto quando os poucos peões, na maioria idosos, cruzavam-no a passos lentos, quase estáticos, a caminho de uma bica no café ao lado. Porque viam o rapaz ali, quando ainda era possível; porque era ele um exemplar exótico do bairro, por sua idade e por ser estrangeiro; porque talvez tivesse um semblante complacente, alguns idosos passaram a cumprimentá-lo, sorridentes, enquanto cruzavam a janela. Ainda assim, sentia-se só. Quando assim se sentia, sentado na poltrona, suspeitava que, do lado de fora, a janela expunha o retrato de sua solidão àqueles transeuntes que lhe sorriam, então, compadecidos.

A janela emoldurava, também, a casa do outro lado da rua: um estreito sobrado com duas diminutas sacadas no primeiro andar. No rés do chão, uma grande porta de vidro corrediça, ao lado da porta de entrada, fazia as vezes de janela da sala, separando-a do jardim que conduzia à calçada. Desde que chegara ao país, o rapaz tinha a vista daquele sobrado que permaneceu fechado, porém com estores abertos, nenhuma cortina, vazio de mobília e de pessoas, durante meses. Um dia, os estores fecharam-se; luzes passaram a se acender à noite, no interior da casa, e a porta de vidro foi coberta por uma cortina translúcida, quase transparente, em que se projetava um teatro de sombras rotineiro. Aos poucos, ele foi identificando as personagens: um homem, uma mulher e uma criança.

Do homem, pôde conhecer os traços primeiro e em mais detalhes, porque ambos costumavam fumar à calçada, cada qual na sua. Certo dia, pelo hábito coincidente, o rapaz acenou vacilante ao outro numa tentativa amigável

enquanto fumavam. O homem, carrancudo e corpulento, continuou a fitar o rapaz. Exalou com força um último trago, arremessando a guimba à rua; virou-se atravessando a nuvem de fumaça e ergueu o pesado braço no que parecia ser um aceno de volta, desaparecendo rumo à casa. O rapaz se constrangeu. Lembrou-se do pai.

A mulher e a criança, o rapaz pouco as via – nunca do lado de fora da casa, talvez pelo desencontro de rotinas. Ao contrário do homem, a mulher era esguia e furtiva. No pouco que atuava no teatro de sombras, geralmente fazia-o acompanhada da criança, com movimentos graciosos que a pareciam divertir. Quando a sombra do homem entrava em cena, a da mulher ficava ainda mais rara, menos fluida. A criança, por outro lado, ia ao encontro da sombra dele, abraçava-a, cutucava-a, mas pouco recebia como resposta. Desistia com frequência. Quando insistia, porém, um trovão rouco e grave estrondeava. O rapaz tinha a impressão de que a porta de vidro tremia, que a sua janela rangia, que seu coração palpitava tal como o coração da criança. Ela recuava, a mulher rapidamente a tirava de cena e sumiam – o homem desabava, então, num sofá, cruzava os pesados braços sobre a cabeça e ficava assim por muito tempo.

* * *

As marcas de espera grassavam naquela janela. No parapeito, manchas semicirculares sobrepunham-se em variadas cores, aquarelas descuidadas sobre a tinta branca, brilhante e gasta: sumo, café, vinho tinto – sobretudo vinho tinto. Já não saberia dizer com precisão quais daqueles carimbos selavam esperas suas ou dos inquilinos anteriores, mas havia uma em particular que sabia sua: densa, de um rubro profundo, mais à direita. Surgiu num domingo às vésperas da primavera, em que o outro prometera vir.

Você vem mesmo? – perguntou baixo ao telemóvel, temendo ouvir a *própria voz*.

Vou, sim.

Você sabe que vai ter de entrar pela janela, não é, o senhorio pode...

Sim, eu sei.

Conheceram-se por acaso, naquele café ao lado, num dia frio e cinzento. O rapaz sentara-se sozinho, à sua mesa habitual; o outro chegou pouco depois, sentou-se à mesa em frente. Olharam-se. O rapaz disfarçou. Desconcertado, acendeu um cigarro, com a mão um pouco trêmula. Porque o outro não tinha fogo, ou porque fingira não ter, engataram conversa. Dividiram a mesa e a conta. Combinaram outros cafés, em que conversavam longamente sobre política, atualidades, suas pesquisas na universidade – aquele presidente maluco que tratava o país como picadeiro; aquele vírus novo que começara a se espalhar;

aquele alfarrabista pouco conhecido que guardava edições preciosas, que o outro precisava de conhecer. Não falavam de si, de suas histórias. Evadiam-se por receio de serem demais, de arruinarem aquele coincidente e inusual encontro de carências. Por medo de serem ouvidos, por notarem alguns olhares que começavam a observá-los em suas conversas descontraídas.

Eu vou abrir um vinho enquanto te espero, estou nervoso.

Levo mais na mochila, não te preocupes – apenas me espera.

E desligaram. O rapaz arrumou-se, sentou-se na poltrona – a garrafa entre as pernas, pressionava-a enquanto sacava a rolha com a mão escorregadia de suor. *E se ele não viesse. E se o homem da casa à frente o visse. E se os vizinhos percebessem. E se o senhorio batesse à porta, como o outro sairia da casa sem ser visto.* O gargalo estalou alto quando a rolha saiu, salpicando-lhe o rosto e a roupa. Pousou a garrafa à direita do parapeito, gotas rubras escorrendo lentamente, e foi limpar a cara, trocar a camisa. Voltou com os copos, serviu-se – a estampa já se formara. Repreendeu-se, mas a ansiedade tomava-lhe conta, impedia-o de cuidar da mancha. Cuidaria depois; agora, esperava. Longo gole de vinho.

A garrafa já ia ao fim quando o outro chegou. As três batidas no vidro, ainda que breves e fracas, assustaram-no, pondo-o em pé num sobressalto. Viu-o parado do lado de fora, arqueado, envolto em cachecol e casaco que o camuflavam na escuridão da rua, exceto pelo sorriso que reluzia. O rapaz tirou a garrafa do parapeito e tentou abrir a janela com cuidado, para evitar o rangido.

Entra, rápido – sussurrou.

Pegou a mochila do recém-chegado que, na sequência, transpôs a janela, desajeitado. Uma luz acendeu-se na casa do outro lado da rua.

Abaixa! – puxou rapidamente o outro para o chão, e ficaram sentados lado a lado, escondidos, a pressionar a parede com as costas.

Viraram o rosto a fitar-se, olhos arregalados, que se desfizeram em dois sorrisos. Beijaram-se. Terminaram aquela garrafa e as que o outro sacou, depois, da mochila. Pouco falaram, mas os lábios, as mãos e os corpos travaram uma longa conversa àquela noite.

Você vai mesmo ficar? Tenho sono.

Vou.

Promete.

Prometo, agora dorme.

* * *

Era noite. O rapaz descia a rua da sua casa, sozinho. Parecia mais comprida que o normal, um túnel que seguia infinito rumo a um ponto de fuga.

Eu preciso fugir.

Acelerou o passo. Sentia-se em perigo, mas não sabia o motivo – não trazia nada consigo que o colocasse em risco, usava roupas pretas que passavam despercebidas na escuridão. A iluminação pública era espaçada e frágil. Havia a iminência de um ataque, mas por onde? Ela estava ali, sempre esteve. Aprendera a conviver com o perigo de ser o que é.

A via estava deserta. Num cruzamento, girou sobre os calcanhares para admirar o estranho vazio que se dilatava pelas ruas. Silêncio absoluto. As luzes públicas bruxuleavam.

Eles descobriram. Eles sabem de mim.

Assim que se deu conta, filas de pessoas vestidas de branco, distanciadas regularmente entre si, vinham ao cruzamento a mesmo ritmo. Ele estava no centro exato, era o alvo. Sentiu um calafrio mórbido percorrer a nuca. A adrenalina disparou nas suas veias, fazendo com que começasse a correr o mais rápido que podia. Fechou os olhos e corria, corria, sem mesmo saber como poderia escapar daquelas pessoas que vinham, de qualquer lado que fosse, à sua direção. Queriam apanhá-lo, ele sabia, e quanto mais consciente se fazia disto, mais corria. Era tamanha a intensidade, que não sentia os pés tocarem o chão. Sentia o suor frio escorrendo pelo rosto, sentia todas as fibras do seu corpo contraindo. O coração pulsava, quase a explodir. Embora flutuasse, havia um peso que aumentava proporcionalmente ao seu esforço de fuga – prensava-o contra o alcatrão.

Abriu os olhos. Ele ainda corria, mas não saía do lugar. Não conseguia ver as próprias pernas, mas sabia que corria. Parou, derrotado. As pessoas já estavam muito perto. Usavam luvas e suas caras vinham parcialmente cobertas por máscaras cirúrgicas brancas. Formaram um círculo e pararam, simultaneamente, a um par de passos do rapaz.

Coloque a sua máscara. Coloque a sua máscara.

Sentiu vergonha e culpa por ter se esquecido de algo que era agora trivial.

Desculpe, eu tirei quando cheguei à casa, mas não me lembrei...

A outra máscara. A outra máscara.

As pessoas começaram a rir e apontar para o rapaz. Suas máscaras se transformaram em grandes bocas abertas a gargalhar de escárnio – alto, com força, exageradamente. Algumas começaram a bradar insultos.

Vá para casa, aberração.

Poupe-nos da sua doença.

Vamos contar a todos o que você é.

A vergonha multiplicou-se, queimava-lhe a face. Sentia-se nu, impotente. Olhava para todas aquelas caras deformadas, tentava encontrar alguém que o

pudesse ajudar. Foi então que ele reconheceu o outro rapaz. Ao contrário dos demais, trazia vestes pretas; não gargalhava, não o insultava. Estava estático, braços esticados, nenhuma expressão.

Me ajuda.

O outro continuou imóvel. Não esboçava sequer uma reação.

Me ajuda, eles querem me machucar.

Não o conheço.

O rapaz sabia que o outro mentia, não conseguia acreditar naquela indiferença.

Por favor.

Humilhado, estendeu a mão ao outro, que virou de costas e rumou para uma porta familiar, a porta de um sobrado. Não se viam as janelas e as sacadas do primeiro andar, tampouco a porta de vidro da sala. Não havia luz – apenas a porta de entrada, que se abriu.

Não posso ficar.

E entrou. No instante a seguir, o vulto do homem corpulento deslizou para fora da porta. Enquanto ele se aproximava do círculo, as pessoas transfiguraram as gargalhadas histéricas em carrancas agressivas. Cuspiam, escarravam com mira ao rapaz, que diminuía de tamanho no centro da roda.

Já nada conseguia dizer. Ergueu os olhos para o homem, pedindo-lhe comiseração. O homem, inexpressivo, ergueu lentamente o pesado braço e esmagou a luz pública. Os fragmentos começaram a cair sobre o rapaz, feito mariposas queimadas numa lâmpada.

* * *

A cabeça doía-lhe quando acordou, sozinho. Podia sentir a ausência mesmo antes de abrir os olhos, tão forte quanto o latejar das veias nas suas têmporas. Sentia os pelos eriçados com a friagem que se acumulava no cômodo, invisível como o vazio que lhe pisava o peito. Levantou-se nauseado. A janela estava entreaberta, as garrafas acumuladas ao chão. Fechou-a e então viu um bilhete sobre o assento da poltrona, as bordas um tanto amassadas. Pegou-o e se sentou.

Não pude ficar. As três pequenas palavras centralizavam o papel. *Mas você prometeu* – balbuciou. Sentia as lágrimas transbordarem. *Não pude ficar.* Um grande vazio branco em volta das três palavras. Doía-lhe a cabeça e o peito. Por que não evitara a inexorabilidade daquela escolha de palavras? Por que não escrevera: *Tive de ir?* Sentia-se desmerecido e pequeno, encasulado na poltrona; sentia pena de si. Por que não lhe dera a prolongada chance da dúvida? A dúvida não é peremptória – ainda que doa constantemente, ao menos permite uma metamorfose.

Quando o redemoinho de pensamentos abrandou, sentiu um débil raio de sol amornar o seu rosto. Vinha da janela. Ali, escondida em uma quina da guilhotina, viu a borboleta metálica, asas entreabertas. Olhou-a por longos minutos, as suas pernas ainda cruzadas sobre a poltrona e os braços cruzados sobre elas, servindo de apoio ao queixo. Sorriu. E enfim saiu do casulo, levantando-se em direção à borboleta. Tocou-a, percebendo como já era frágil a articulação das asas. Emitia um tilintar fraco, único ruído que se ouvia.

Abriu a janela, prendeu-a com a asa frouxa. Como a borboleta resistia assim, a tanto peso? Há quanto tempo? Sentou-se no parapeito. O passeio refletia o branco do calçamento, ardia-lhe a vista. O café ao lado estava fechado, nenhuma mesa à esplanada. Ninguém à rua.

* * *

Era uma manhã clara e tépida. A brisa convidava para um cigarro na calçada. Cobria-o com uma das mãos enquanto o acendia e baforava breves golpes de fumaça, que a brisa logo afastava. Ouviu um tilintar do outro lado da rua e mirou. Uma criança com uma tiara de guizos e asas às costas saltitava pelo jardim, sorrindo com satisfação. O rapaz encantou-se com aquela alegria e ficou a observar. De um arbusto ao outro, em ziguezague, a criança seguia; às vezes dava uma pirueta, apontava o dedo no ar dizendo *plim!, plim!*, e ria-se. Ele riu-se também, fazendo com que a criança congelasse o movimento feito estátua. Mirou-o com olhos de curiosidade infantil e sorriu, acanhado, cruzando os braços às costas.

Que linda fada – disse o rapaz.

Quê?

Que linda fada – repetiu, com a voz mais alta.

Ah.

Que foi?

A criança hesitou.

Não sou uma fada.

Não? Então o que é?

A criança espiou pelo ombro em direção à casa, sem qualquer discrição, e confessou baixinho.

Sou uma borboleta encantada.

Os dois riram-se, um riso para dentro, como se compartilhassem um segredo. Pensou em responder: *Mas que bela borboleta*, mas não teve tempo – a porta da casa batera com força, num estrondo, e o homem vinha a passos largos ao encontro da criança. Com o barulho, ela virou-se num súbito. O rapaz já não lhe via a cara, mas tinha a certeza de que o medo que sentia gelar as

suas entranhas era o mesmo que estampava aquele pequenino rosto. O homem parou bruscamente em frente à criança. Era desleal o contraste entre os dois.

O que é isso? – disse fitando a criança, com a voz baixa, porém funda e penetrante o suficiente para que o rapaz a ouvisse com clareza.

E-eu sou uma borboleta.

É o quê? – perguntou, a voz ainda mais funda.

Uma borboleta – mal se ouvia a criança, que encurvava o corpinho.

O pesado braço do homem ergueu-se e, num bote veloz, arrancou as asas e espatifou-as na calçada.

Coisa nenhuma.

Papai.

Entra agora.

Papai.

A criança chorava quando abraçou as pernas do homem, que se desencilhou ordenando.

Entra.

Ainda ficou por um momento a olhar para cima, para os olhos do homem, sem entender aquilo que sentia.

Entra agora.

A criança correu para dentro da casa, a tiara de guizos tilintando.

O homem mirou-o. Deu de costas, como se o rapaz não estivesse ali, como se nada tivesse acontecido. Nenhum remorso, nenhum sinal. Como se tivesse lançado uma guimba à rua. Entrou. O rapaz continuava parado. Ainda sentia a brisa, que sacudia levemente um frágil par de asas, uma borboleta morta na calçada. Arremessou a sua guimba ao longe, a rua vazia. Uma sirene soava ao longe.

* * *

O rapaz abriu a velha caixa de lápis de cor sobre o chão da sala, buscou uma folha em branco na pilha de papéis, livros e envelopes que se acumulavam sobre a cômoda oposta à poltrona, em que se apoiava a pequena televisão de tubo. Faturas, publicidade, fotocópias. Caio Fernando Abreu, Al Berto, Katherine Mansfield. Cartas ébrias que não terminara, monólogos que nunca expediria. *Mãe, que saudade sua, mãe* – começava uma delas, ao topo. *Eu queria que tudo voltasse a ser como era antes de.* E acabava assim. Leu mais uma vez: *Que saudade sua, mãe.* Alcançou uma folha ao lado, em branco, e sentou-se no chão. Espalmou-a à sua frente e pôs-se a desenhar – um arco-íris, em perfeito semicírculo, servia de abrigo a uma borboleta multicolorida. Colou-a no vidro da parte fixa da janela, a borboleta e o arco-íris voltados para a rua.

Ligou o televisor. Antes de perceber o que dizia o canal de notícias, o mantra dos últimos trinta dias, notou o bilhete de papel gasto, dobrado ao meio, ao lado da poltrona. O jornalista noticiava algo a respeito do cerco sanitário. Mirava ainda o bilhete, uma borboleta morta no chão. As pessoas estavam impedidas de sair do distrito, exceto em casos extraordinários. O papel tremulava quase imperceptivelmente. Os habitantes diziam-se aflitos, não podiam ficar presos assim, um confinamento dentro de outro. *Não pude ficar*. Talvez fosse por isso que ele havia partido. Talvez fosse por culpa do cerco, do vírus, do medo, de não querer ser pego. Tinha medo de que os pegassem, que flagrassem um amor que só florescia às escondidas. Eles não eram borboletas, eram mariposas. Camuflavam as suas asas na paisagem, tentavam mimetizar o que esperavam deles à luz do dia e, à noite, só à noite, podiam fazer a sua dança em torno da luz branca, artificial.

A televisão mostrava os corredores dos hospitais. Os casos se alastraram no distrito, havia um número sensível de mortes. *Mãe, que saudade sua, mãe*. Sentia um nó na garganta, sentia que as paredes se comprimiam em torno da poltrona. A janela era a única fonte de luz do cômodo, uma luz que vinha do alto agora. O nó apertava-se. *Eu queria que tudo voltasse a ser como era antes de*. Queria que a criança visse, do outro lado da rua, o desenho; que ela soubesse que sim, ela poderia ser uma borboleta se quisesse, não era preciso temer.

* * *

Quando anoiteceu, o rapaz voltou à janela. Ansiava pelo teatro de sombras. A vista da casa em frente permanecia estática e idêntica, a não ser por um retângulo afixado, a um canto, a meia altura da porta de vidro. Seria uma resposta? Pensou em sair ao passeio, para que pudesse ver mais de perto, mas receava reencontrar a figura do homem. Receava reviver aquela cena, que ouvisse novamente aquela voz. Receava que a criança fosse constrangida novamente. Frisou os olhos, forçando a visão. Havia algo naquele retângulo, mas não conseguia distinguir o quê.

Até que a luz se acendeu. Uma lagarta em forma de arco, listada em sete cores, estampava o papel. Antes que esboçasse qualquer reação, porém, uma sombra difusa e corpulenta projetou-se sobre a cortina, eclipsando o desenho. A silhueta convergia para ele, de maneira que, quanto mais próxima e nítida ficava, menos saturadas eram as cores da lagarta, engolidas pela penumbra. Uma grande mão enfiou-se entre a cortina e o vidro, arrancou o papel e voltou a ser sombra.

Viu a silhueta virar-se: a sombra fugidia da mulher surgira no canto oposto. De perfil, o contorno da cabeça mexia-se, como se a personagem falasse. Ergueu

um braço, apontava ao extremo onde estivera o papel. O homem, imóvel. A sombra da mulher gesticulava mais agora, em uma mímica furiosa de gestos universais de incredulidade, inconformismo, esgotamento. O homem deu um passo. O gesto agora era acusatório. Mais um passo. Agora, um gesto de negação. Outro passo. O gesto suplicava *pare*. O pesado braço ergueu, quase em simultâneo com o cruzar de braços da outra sombra, que se encolhia, prostrada.

Antes que o braço a atingisse, escuridão.

* * *

Lembrou-se de ouvir o primeiro golpe, depois outro, mais um, muitos golpes surdos. Não era a primeira vez que os ouvia. Não era uma novidade ouvir o choro desesperado, o gemido que se estendia depois dos estampidos, esvaindo-se depois em agonia. Não era a primeira borboleta que via espatifada no chão.

Os longos corredores brancos de hospital, ele também já os vira. As pessoas de branco em suas máscaras e luvas, igualmente. Era-lhe familiar a sensação de que, no princípio, tudo parecia respeitar uma normalidade. Até que os primeiros sinais surgiram. Até que os primeiros sintomas vieram. As pessoas, no começo, agiam como se não fosse com elas – havia algo de errado, algo que deveria ser temido, mas que se amenizava com ironias e desdém. Como uma doença que se espalha: enquanto não estiver acontecendo aqui, não é problema. Podemos cegar-nos e seguir adiante. Enquanto a doença não atingir os nossos, permitimos que passe ao lado. Desviamos. Embora o pedido de socorro esteja ali, velado em sua vergonha, escancarado em seu medo silencioso e contínuo, culpado em sua incompreensão de saber-se vítima, ignoramos. Recolhemos a mão para evitar o contágio.

Mãe, que saudade sua, mãe.

O rapaz lavava com fúria as mãos à pia. O televisor estava ligado, contabilizando o crescente número de casos no mundo inteiro. Recomendava o respeito ao isolamento social, o uso de luvas e máscaras, que se lavassem as mãos frequentemente – para já, as únicas medidas eficazes contra a pandemia. A doença já não era mais ignorada em parte alguma, ela atingira a todos. Aos que reconheceram sua responsabilidade primeiro, o cenário era virtualmente mais promissor, mas não menos grave.

Enxugou as mãos num trapo de cozinha e desligou o aparelho. Ao lado dele, pegou na carta inacabada. *Eu queria que tudo voltasse a ser como era antes de*. Nauseou-se. Havia um silêncio absoluto, dentro e fora, e a janela continuava a fazer as vezes de fotograma. Mas a luz que a transpassava era mais forte agora, uma luz primaveril implacável. Pousou a carta no parapeito. Abriu a janela num solavanco e manteve os braços ao alto, segurando a folha móvel para aliviar o

peso das borboletas, os olhos muito fechados em resistência à claridade que penetrava a trama da camisa de linho branco. Parecia querer agarrar-se à janela com um abraço, um gesto de entrega avassalador.

Uma rajada irrompeu, puxando o ar de dentro da sala, fazendo papéis e envelopes voarem. Sugou-lhe o peito e cessou. Abriu os olhos assustados: a carta sumira.

Redenção.

* * *

Já não era mais necessário sustentar o peso. O corpo jazia desacordado ao chão quando o tentara levantar com os pequenos, infantis braços, mas todo esforço que fazia era em vão. Os outros, aqueles grandes e pesados braços, julgavam a sua tentativa, cruzados – à distância, em silêncio. Olhou o semblante esvaído da mãe. Aquarelas semicirculares, algumas sobrepostas, manchavam-lhe a face de um rubro profundo. Percebera ainda outras, mais antigas, um tanto desbotadas, ao longo dos braços que tentava, inutilmente, alçar com os seus. O pai continuava imóvel, nenhum sinal de remorso. Como se tivera esmagado uma guimba contra o chão, com os pés.

Já não era mais necessário esticar-se na ponta dos pés, para espiar pela janela do quarto do hospital – à espera. Lembrava-se das máscaras brancas, dos jalecos, pessoas a passar de um lado para o outro, em silenciosa pressa. Ninguém a notara antes que tudo acontecesse. Ou se notaram, por que nada fizeram? Por que ele precisava carregar aqueles sentimentos que só mais tarde poderia nomear – culpa, impotência, ressentimento –; carregar, só, um peso que os seus braços já mostraram antes não poder suportar. Esmagava-o. Mas ali, nas pontas dos pés, com os pequeninos dedos prendendo-se ao batente daquela janela, ele sustentava algo mais forte: esperança. Esperava que as manchas sumissem do corpo da mãe, que a luz lhe voltasse aos olhos. Esperava que ela acordasse como era antes de tudo isso começar: fluida, graciosa, bem-disposta. A janela – desde aquele momento, ele soube – é o lugar em que ocorrem as verdadeiras esperas.

* * *

Preenchido pela claridade, o peito leve, fechou a janela e sentou-se à poltrona. Refletindo nos papéis e envelopes no chão, a luz tomava conta do cômodo. Formas difusas contornavam os lápis de cor espalhados, projetavam-se em diferentes tons a partir das garrafas de vinho deitadas. Contemplava admirado o arco-íris amorfo que nascia do piso e subia as paredes, roçava algures o teto.

As cores dançavam nas suas pupilas, contraídas pela intensidade da cena. Pôs as mãos sobre as maçãs do rosto, sentiu-as quentes; apalpou as pálpebras, as sobancelhas; esfregou a testa suada, o cabelo oleoso e amassado. Sentia a

textura da pele, dos poros, dos pelos. Desceu as mãos por detrás da cabeça, segurou a nuca, com os cotovelos erguidos – sentia-se livre, sentia-se vivo. Era bom estar vivo, mas viver era um mosaico de marcas. Estavam ali, ele as lia com as pontas dos dedos. Sentia no odor que emanava, no ar que lhe enchia o peito; no coração que pulsava, no sangue quente que atravessava as veias. Como a esquadria da janela, branca e gasta, era ele também uma tela que reluzia as suas marcas.

Ele tinha cicatrizes de tantas esperas. Não seria isto, estar vivo? Ser e saber-se um tecido orgânico cerzido, de espera em espera, até dar certa forma àquilo que chamamos de *eu*? E esse outro tecido, que chamamos de *humanidade*, não estaria a revelar suas partes rotas, agora que estavam todos a comungar de uma mesma espera? Não seria isso o que bastava para desmanchar os pontos mal cosidos, os remendos que usamos para cobrir os seus buracos?

Não conseguia sentir-se empático à comoção geral frente à pandemia. A sua ceifa, os seus desentendimentos, as suas desinteligências – não eram efeitos, eram a doença que já corroía, silenciosa, todo aquele tecido. Como um bolor que penetra a trama e, do dia para a noite, vem à tona e mostra a sua força. A pandemia não se tratava de uma doença, mas do maior sintoma de uma enfermidade comum: a indiferença. Acreditava, sim, e compadecia da espera. Não é fácil aceitá-la, entranhá-la, porque demanda solidariedade. A falta dela deixara-lhe a maior das suas marcas. Mas, agora, ali confinado como muitos ao redor do mundo, a solidariedade grassava: o primeiro sinal possível de uma cura.

Levantou-se e parou em frente à janela. Viu o seu reflexo no vidro. Duas lágrimas sulcavam-lhe o rosto, desciam até o queixo: era bom estar vivo.

Quando tudo isso passasse, quando acabasse o cerco e o confinamento, ele viveria. Deixaria, também, o próprio confinamento, o próprio silêncio. Quem sabe, no mundo que ora surgiria, poderia amar sem temer. Porque amor algum deveria viver à sombra, amor algum floresce na escuridão. Quem sabe o amor fosse, então, tal como deveria: único, diverso, ilimitado. Recíproco. Quem sabe ele poderia aceitar um amor que não precisasse ferir, que não fosse sinônimo de abandono. Que ninguém mais precisasse conhecer isso, que ninguém mais deixasse esse tipo de “amor” passar ao lado.

Que esse novo tecido pudesse filtrar o que é bom – e que aquilo que fosse mau transpassasse a trama para nunca mais.

* * *

Sentado na poltrona, o rapaz admirava a janela mais uma vez, quando viu uma figura caminhando lentamente à sua direção. Era familiar, apesar da

máscara branca que lhe cobria a face: o senhorio. Estremeceu. A figura parou próximo ao parapeito.

Bom dia.

Bom dia.

Há uma borboleta em si.

O rapaz não entendeu.

Aí está a borboleta.

Apontava para o peito do rapaz com a alça da bengala. A luz transpassava a fina espessura do papel colado à janela, projetando o desenho na camisa de linho branco. Ele riu aliviado, um pouco sem graça, e percebeu que o velho também se ria com a reação, por detrás da máscara.

Peço desculpa, mas temos algo a tratar.

O rapaz engoliu em seco. Saberria ele?

Então? A renda.

Ah, sim.

Levantou-se atrapalhado para a cômoda, pisando uns tantos papéis e lápis, esbarrando em uma garrafa vazia de vinho. Apanhou ali um envelope fechado e seguiu com passos de equilibrista à janela, estendendo-o para fora. O velho alcançou-o com a mão de luva plástica, o tronco debruçado sobre a bengala. Fitou o rapaz de alto a baixo.

Tens de te cuidar, rapaz. Um duche, uma limpeza... calhavam – dizia, acenando com o envelope.

Desculpe.

Ora essa, são tempos difíceis!... Mas é necessário cuidar-se.

O velho ia-se afastando, quando interrompeu o passo e voltou-se para o outro.

Só mais uma coisa. Que bela borboleta!

Sim, o velho sabia. Sorrindo mais uma vez sob a máscara, abanou o envelope no ar, em despedida, e seguiu o seu caminho pelo passeio.

Ainda à janela, o rapaz olhou para a casa do outro lado da rua. As janelas do primeiro andar estavam abertas, como olhos atentos e alegres que o viam. A porta de vidro, ao rés do chão, estava sem a habitual cortina – era uma grande janela que permitia notar a ausência de mobília da sala. Dentro dela, surgiram as silhuetas de uma mulher e de uma criança.

A mulher parou no meio do cômodo e avançou a criança com as mãos, num gesto gracioso e encorajador, rumo à janela. A criança trazia um papel às mãos, o qual colou ao vidro. O rapaz sorriu. A criança sorriu-lhe de volta e recuou até a mulher, que pousou as mãos nos pequeninos ombros. Afastaram-se os dois, desaparecendo no interior da casa.

No desenho, uma familiar lagarta, em forma e cores de arco-íris, abrigava em sua concavidade uma frase com letras garrafais que a criança acrescentara:

Vai ficar tudo bem.

NOTA BIOGRÁFICA

Gabriel Padovani Nogueira nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, Brasil. É licenciado em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas e mestrando em Estudos Editoriais na Universidade de Aveiro. Iniciou o seu percurso profissional em 2013, no Setor de Provas (SePro), departamento editorial do grupo Atmo Educação, no Brasil. Trabalha com preparação e revisão de textos desde então.